

SAÚDE

Parkinson será tema de debate em Campinas

Foto: Roncon&Graça Comunicações

A doença de Parkinson será tema de um congresso sediado em Campinas, na semana que vem, na **Unicamp**. O evento, organizado pela universidade e pela Associação Campinas Parkinson (ACP), será aberto no próximo dia 25 e segue até o dia 27. Ele irá tratar de temas como direitos do paciente, terapias ocupacionais, fonoaudiologia, exercícios para o corpo e indicações para cirurgia, entre outros. Haverá também apresentações artísticas de pessoas portadoras da doença. A previsão da organização é que cerca de 30 associações de Parkinson de todo o País compareçam no congresso. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que 200 mil pessoas no Brasil convivam com a doença. As inscrições para o congresso podem ser feitas pelo site do evento, parkinsoncampinas.org.br/congresso/.

Um dos palestrantes será a neurologista especializada na doença Elizabeth Quagliato. Segundo ela, o Parkinson é a segunda doença degenerativa mais comum, que atinge uma em cada 100 pessoas, geralmente acima dos 70 anos. Para ela, é preciso debater sobre o tema, já que a expectativa de vida da população vem crescendo e o país terá uma faixa grande de idosos. “No momento, os tratamentos existentes, tanto com remédios quanto com fisioterapia, têm como objetivo melhorar a qualidade e a vida do paciente, mas já existem estudos saindo da primeira fase de pesquisa para desenvolver remédios que barrem o desenvolvimento da doença”, diz. Para ela, o diagnóstico precoce é a chave para que a pessoa



ELIZABETH Quagliato, Omar Abel Rodrigues, Geni Cardoso da Rosa e Bernardo Gonçalves dão entrevista

continue tendo uma vida ativa. Antes de desenvolver os tremores característicos do Parkinson, o paciente perde o olfato, ou fica com a função reduzida, o que já é um alerta para buscar um neurologista e verificar se a doença está se manifestando. Outro sinal é o distúrbio comportamental do sono, quando a pessoa se debate enquanto dorme, grita, se agita. “Neste caso, há 70% de chances de ela ter Parkinson, e se isso se somar à perda olfativa, as chances aumentam.”

Outro tema a ser debatido no congresso é em relação aos direitos da pessoa com Parkinson. De acordo com o advogado da ACP, Bernardo Gonçalves, uma das lutas atuais é para garantir o acréscimo de 25% sobre o valor da aposentadoria para pacientes com a doença. Os 25% a mais são garantidos se a aposentadoria for por invalidez e o segurado necessitar de assistência permanente de outra pessoa. Atualmente, se o diagnóstico vier após a aposentadoria, é preciso que o

trabalhador entre na Justiça para fazer a revisão do valor. “Isso leva cerca de cinco anos para acontecer e é preciso provar a renda baixa e a severidade do quadro clínico. É preciso que a lei seja mudada para que, ao descobrir a doença, o aposentado vá direto ao INSS (Instituto Nacional de Seguro Social), e ali mesmo já solicite a mudança e passe a receber a quantia a mais.” Já o presidente da ACP, Omar Abel Rodrigues, convive com os efeitos da doença há 17 anos, quando foi diagnosticado. Para

ele, discutir sobre o tema, levar a doença ao conhecimento do público é muito importante. Hoje, a ACP atende cerca de 50 pessoas, entre portadores de Parkinson, familiares e cuidadores. Sem sede própria, as reuniões mensais são realizadas no salão da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Jardim Nova Europa. “O nosso objetivo é conversar com essas pessoas sobre a doença, ouvir desabafo, conscientizar sobre a importância dos tratamentos, dos exercícios, e mostrar que não é preciso ter vergonha”, explica ele, citando os sintomas motores do Parkinson, como rigidez muscular e tremores. Segundo Rodrigues, muitas pessoas que descobrem ter a doença ficam isoladas em casa, o que pode piorar o quadro clínico. “A pessoa tem que saber que a vida não acabou. A caminhada continua mais difícil, com mais desafios, mas continua. Tem que partir para a luta”, afirma o diretor. Ao mesmo tempo, familiares e cuidadores também precisam ter conhecimento sobre a doença, segundo a vice-presidente da entidade, Geni Cardoso. O marido dela recebeu o diagnóstico da doença há 14 anos. “A principal atividade da ACP é o acolhimento. O cuidador tem que ficar próximo ao paciente, porque acontece de as pessoas terem vergonha. Às vezes, quem tem Parkinson é chamado no caixa do banco, por exemplo, e tem dificuldades em levantar, ou quando vai passar por alguma porta, acaba travando os movimentos e fica alguns segundos ali, parado. É preciso dar amor e apoio.” (Letícia Guimarães/Da Agência Anhanguera)